

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 6 | Nº 18 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4774372>



E. P. THOMPSON E O CONCEITO DE CLASSES SOCIAIS

Michel Goulart da Silva¹

Resumo

Discute-se neste ensaio o conceito de classes sociais elaborado por E. P. Thompson, como parte dos embates teóricos com as correntes estruturalistas que influenciavam o marxismo na década de 1960. Procura-se aproximar o conceito desenvolvido pelo historiador britânico às formulações originais do marxismo, buscando mostrar seus elementos históricos e dialéticos. Para tanto, neste ensaio serão feitas análises de textos do próprio Thompson, além de obras escritas por Marx e Engels.

Palavras chave: Classes Sociais; E. P. Thompson; Marxismo.

Abstract

This essay discusses the concept of social classes developed by EP Thompson, as part of the theoretical clashes with the structuralist currents that influenced Marxism in the 1960s. We seek to bring the concept developed by the British historian closer to the original formulations of Marxism, seeking show its historical and dialectical elements. Therefore, in this essay, analyzes of texts by Thompson himself will be made, in addition to works written by Marx and Engels.

Keywords: E. P. Thompson; Marxism; Social Classes.

INTRODUÇÃO

O debate acerca do conceito de classes sociais é um dos mais polêmicos e difíceis dentro do marxismo, na medida em que há poucas indicações nas obras de Marx e Engels. No pensamento social brasileiro há uma grande disputa em torno disso, que passa pelo uso de termos como “classes dominantes”, “subalternos”, “explorados”, “elites”, entre outros. Em pesquisas acadêmicas recentes acerca dos trabalhadores os vários conceitos utilizados vão desde a ideia de “classe que vive do trabalho”, que inclui qualquer profissional que recebe salário, até a ideia de que seriam trabalhadores somente aqueles que atuam diretamente na produção industrial (TEIXEIRA, 2009).

E. P. Thompson, bem outros membros do Grupo de Historiadores do Partido Comunista Britânico (*The Group*), deu contribuições teórico-metodológicas fundamentais a esse debate dentro das Ciências Humanas, que impactaram tanto pesquisadores marxistas como profissionais formados a partir das influências da História Nova, em todo o mundo, nas últimas décadas. Parte dos historiadores do *The Group* rompeu com o partido diante da crise no movimento comunista internacional, sob o impacto de

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua como docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC). Email: michelgsilva@yahoo.com.br



fatores como a invasão da Hungria e a divulgação por Nikita Krushev dos relatórios denunciando os crimes de Stalin, em 1956. Os dissidentes do partido

constituíram o principal núcleo do movimento político que passou a ser conhecido como Nova Esquerda. Dele faziam parte grandes nomes da intelectualidade marxista inglesa, como Raymond Williams, Doris Lessing, Raphael Samuel, Ralph Miliband, Dorothy Thompson, E. P. Thompson, John Saville, entre outros (FORTES; NEGRO; FONTES, 2001, p. 40).

Esse grupo de intelectuais ingleses procurou superar os esquemas conceituais mecânicos do stalinismo e as formulações teóricas da escola althusseriana, dando especial ênfase ao estudo empírico das relações de classe e das formações históricas. Esses intelectuais procuraram superar o método de encaixar os objetos de pesquisa em formulações teóricas pré-determinadas, como o faziam aqueles influenciados pelo positivismo e pelo estruturalismo, rejeitando “os esquemas prontos, produzidos principalmente pela tradição stalinista, presentes entre numerosos teóricos marxistas do período, que previam sequências fixas de modos de produção para o desenvolvimento da sociedade” (SILVA, 2020, p. 3). E. P. Thompson, assim como seus colegas, procura escapar desses esquemas.

E. P. THOMPSON E AS CLASSES SOCIAIS

A contribuição de E. P. Thompson normalmente mais destacada é sua formulação do conceito de classes sociais, do qual se desdobra a noção de experiência, polemizando com as interpretações estruturalistas do marxismo e buscando nas obras de Marx e Engels a referência para sua interpretação. O historiador britânico buscava uma fundamentação teórica que se contrapusesse às propostas estruturalistas que dominavam o marxismo produzido em boa parte dos meios acadêmicos naquele momento, ou seja, uma teoria que estivesse em permanente diálogo com a pesquisa empírica. Em sua obra, o historiador britânico “não aceita as teses de Marx porque as afirma Marx, mas porque suas investigações o avalizam. Esse perene recurso as suas próprias investigações (ou as de seus colegas) é simplesmente admirável e aponta na direção de um marxismo e de um socialismo abertos” (MARTÍN, 1996, p. 53). Nesse debate, a principal obra produzida por E. P. Thompson foi o famoso livro *A formação da classe operária inglesa*, publicada em 1963, no qual estuda a sociedade de artesãos e da classe operária nos seus anos de formação, nos séculos XVIII e XIX.

E. P. Thompson criticava, principalmente, a “tradição stalinista”, tanto representada pelos dogmas defendidos por intelectuais ligados aos Partidos Comunistas, como os pensadores influenciados pelo filósofo francês Louis Althusser. Nessa tradição o conceito de *modo de produção*, presente na obra dos fundadores do materialismo histórico, tornou-se a base para todas as explicações da história humana



nos últimos milênios. Em Marx e em E. P. Thompson prevalece a pesquisa concreta acerca da articulação e da dinâmica das relações de produção, e não o enquadramento estanque de relações sociais a tipologias preconcebidas de modos de produção. Conforme destaca Ellen Wood (2003, p. 55), em referência crítica à relação estática estabelecida entre “base” e “superestrutura” pela escola de Althusser,

relações estruturais tão rigidamente determinadas e monolíticas entre os níveis econômico e superestrutural continuam a existir num modo de produção teoricamente construído, mas no mundo histórico esse bloco estrutural pode se fragmentar e se recombinar num número infinito de formas.

Essa forma de analisar a história, negando ou minimizando a importância da pesquisa empírica, talvez seja a principal crítica de E. P. Thompson à tradição teórica stalinista e suas formulações reelaboradas por Althusser. Assim, em *A formação da classe operária inglesa*, E. P. Thompson afirma: “não vejo a classe como uma ‘estrutura’, nem mesmo como uma ‘categoria’, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas” (THOMPSON, 2004, p. 9). Em outro momento, polemizando abertamente com Althusser, E. P. Thompson (1981, p. 108) afirma que o filósofo francês “supõe que podemos chegar a uma teoria da estrutura da história redispando e desenvolvendo nosso vocabulário”. Segundo E. P. Thompson (1981, p. 108), contudo, é difícil “compreender como é possível elaborar uma teoria da história que não se submeta, em nenhum momento, à disciplina histórica, ao discurso da comprovação próprio do historiador”. Nessas versões do estruturalismo francês que se utiliza de alguns conceitos marxistas, encaradas por E. P. Thompson como uma ideologia vulgar, no que se refere aos estudos acerca das classes sociais, “temos de novo uma categoria profundamente estática, uma categoria que encontra a própria definição apenas em uma totalidade estrutural estática” (THOMPSON, 2001, p. 272).

E. P. Thompson, para formular seu conceito de classe, se apropria das contribuições a respeito do tema que foram desenvolvidas por Marx, dispersas e fragmentadas, sem ter chegado a definir de forma mais precisa um conceito. No *Manifesto comunista*, Marx e Engels mostram um possível método para analisar a formação de classe, quando descrevem momentos diversos das formas de consciência e organização por que passou a classe operária europeia nos séculos XVIII e XIX. Segundo Marx e Engels (2005, p. 47), nesse momento, o proletariado se constitui em uma “massa disseminada por todo o país e dispersa pela concorrência. A coesão maciça dos operários não é ainda resultado de sua própria união, mas da união da burguesia que, para atingir seus próprios fins políticos, é levada a pôr em movimento o proletariado, o que por enquanto ainda pode fazer”. O proletariado combate não os seus inimigos, mas os inimigos dos seus inimigos, inserido num processo político controlado pela burguesia. Contudo, “com o desenvolvimento da indústria, o proletariado não apenas se multiplica; comprime-se



em massas cada vez maiores, sua força cresce e ele adquire maior consciência dela” (ENGELS; MARX, 2005, p. 47).

O tema das classes também é debatido em um capítulo inconcluso de *O Capital*, no qual Marx apontou algumas breves notas acerca do tema. Em primeiro lugar, chama a atenção para a necessidade de analisar a questão de forma concreta. Marx (1984, p. 99) já havia afirmando antes, em uma carta de 1852, que “a existência das classes só se liga a determinadas fases históricas de desenvolvimento da produção”. Marx (1984, p. 99-100), em *O capital*, depois de apontar que “as três grandes classes da sociedade moderna” são “os operários assalariados, os capitalistas e os latifundiários”, afirma que nem mesmo numa sociedade com um capitalismo industrializado, como a Inglaterra, “se apresenta, em toda a sua pureza, essa divisão de classes”, sendo possível observar “fases intermediárias e de transição, que obscurecem, em toda as partes (ainda que no campo incomparavelmente menos que nas cidades) as linhas divisórias. Segundo Marx (1984, p. 100), aquilo que define as classes é, “à primeira vista, a identidade de suas rendas e fontes de renda”. Marx segue problematizando essa definição, mas o manuscrito foi interrompido no parágrafo seguinte, sem que o texto fosse concluído. Contudo, o conhecimento de seu método de exposição permite entender que seu conceito não se limita à mera percepção aparente do fenômeno social. Segundo Iasi (2007, p. 106),

a dialética de Marx não se reduz ao movimento que quer captar no fenômeno, mas que tal dialética se expressa no movimento próprio dos conceitos, de forma que eles se referem a momentos de aproximação e aprofundamento da análise que parte da aparência até a essência, da essência menos profunda até a mais profunda, por vezes de volta à aparência carregando os conteúdos conquistados até então. Disso resulta que o leitor desavisado pode confundir uma dessas aproximações com “o conceito” definitivo de um determinado aspecto ou coisa a ser estudada.

Pode-se encontrar no conjunto da obra de Marx vários momentos que indicam as diferentes determinações particulares que constituem a definição do fenômeno de classe. Essas determinações podem assim ser descritas:

1. classe seria definida, num determinado sentido, pela posição diante da propriedade, ou não propriedade, dos meios de produção;
2. pela posição no interior de certas relações sociais de produção (conceito que foi quase que generalizado como único);
3. pela consciência que se associa ou distância de uma posição de classe;
4. pela ação dessa classe nas lutas concretas no interior de uma formação social (IASI, 2007, p. 107).

Nesse sentido, pode-se concluir que para Marx não são apenas as relações de produção que definem as classes sociais, pois eles se definem tanto em relação uma com a outra como na própria



identificação de situações comuns de vida entre os sujeitos de cada uma das classes. Nessa perspectiva, Marx “identifica as classes com base nas relações que homens e mulheres, vivendo em sociedade, estabelecem entre si para produzir e reproduzir-se socialmente” (MATTOS, 2019, p. 9). É a partir da ação coletiva, essencialmente política, que podemos enxergar as classes sociais, na medida em que essa ação é a conjunção de interesses, imediatos ou de longo prazo, de uma determinada classe.

Nos escritos de Marx, percebe-se uma compreensão das classes sociais enquanto um sujeito coletivo produzido historicamente, determinado pelas condições materiais de produção e reprodução da vida, mas cuja definição e comportamentos são também definidos por aspectos políticos, culturais e ideológicos. Seguindo os passos de Marx, E. P. Thompson (2001, p. 277) afirma que os diferentes fatores intervêm no “fazer-se” das classes sociais:

a classe se delinea segundo o modo como homens e mulheres *vivem* suas relações de produção e segundo a *experiência* de suas situações determinadas, no interior de um ‘conjunto de suas relações sociais’, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas.

Portanto, a classe social é um fenômeno que, embora tendo na esfera da produção de mercadorias seu fator determinante, encontra na vida cotidiana e nas experiências coletivas um elemento que contribui na sua formação. Em outro texto, E. P. Thompson (2004, p. 10) afirma que

a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus.

Assim, os interesses comuns definem certa sociabilidade, que influencia diferentes esferas da vida, como a do trabalho e da política. Nas obras de E. P. Thompson a classe é uma relação histórica, “que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência” (THOMPSON, 2004, p. 9). Essas formulações acerca da consciência de classe relacionam-se com o conceito de luta de classes. Para E. P. Thompson, a consciência de classe se constrói, entre outros fatores, por meio das experiências vividas pelo grupo social, expressas em diferentes formas culturais, ou seja, tradições, costumes, valores, entre outros, que são frutos da vivência em comum de um grupo social específico. Segundo Ellen Wood (2003, p. 76), “as *formações* de classe e a descoberta da consciência de classe se desenvolvem a partir do processo de luta, à medida que as pessoas ‘vivem’ e ‘trabalham’ suas situações de classe”.

Dessa forma, a consciência de partilhar interesses iguais, identificando-se com estes e com os membros do grupo social, são fatores que para E. P. Thompson formam a classe, a qual não existe sem a consciência. Assim, fazer parte de uma classe significa identificar-se com seus valores e seus interesses,



tendo a consciência de que estes são partilhados pelo grupo. Embora a classe seja um conceito abstrato, transforma-se assim em algo palpável nos textos escritos e nas pesquisas realizadas por E. P. Thompson (2004, p. 12), para o qual a classe “é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição”. Segundo o historiador britânico, “não podemos entender a classe a menos que a vejamos como uma formação social e cultural, surgindo de processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operam durante um considerável período histórico” (THOMPSON, 2004, p. 12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, portanto, a compreensão de que os trabalhadores não são uma entidade estática, mas sujeitos históricos relacionados tanto à esfera da produção como ao processo de consciência. E. P. Thompson, tomando como ponto de partida as elaborações de Marx e Engels, aponta para a necessidade de não construir conceitos como uma abstração idealista, mas a partir da análise da realidade. Com isso, consegue apresentar importantes análises que contribuem com a renovação do marxismo num momento de influência teórica do mecanicismo estruturalista.

REFERÊNCIAS

FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi; FONTES, Paulo. “Peculiaridades de E. P. Thompson”. *In*: THOMPSON, Edward Palmer (organizador). **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

IASI, Mauro Luis. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

MARX, Karl. “As classes sociais”. *In*: IANNI, Octavio (org.). **Marx: Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1984.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Editora Boitempo, 2005.

MARTÍN, Pedro Benítez. **E. P. Thompson y la historia: un compromiso ético y político**. Madrid: Talasa, 1996.

MATTOS, Marcelo Badaró. **A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo**. São Paulo: Boitempo, 2019.



SILVA, Michel Goulart da. “Florestan Fernandes e o marxismo”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 9, 2020.

TEIXEIRA, Kleber Garcia. “Questão de Classe (Social): o proletariado de Marx segundo Sérgio Lessa”. **Mundos do Trabalho**, vol. 1, n. 1, 2009.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**, vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: UNICAMP, 2001.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo**. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 6 | Nº 18 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima